

JUÇARA DE OLIVEIRA RODRIGUES

**CORPO E PSQUIZMO OU CORPO É PSQUIZMO?
SOBRE A CONCEPÇÃO DE CORPO NA TEORIA FREUDIANA.**

Monografia de conclusão do Curso de Especialização em
Psicologia Clínica: Teoria Psicanalítica
Orientadora: Prof. Dra. Silvana Rabello

COGEAE – PUC/SP

2013

RODRIGUES, J. O. **Corpo e psiquismo ou Corpo é psiquismo? Sobre a concepção de corpo na teoria freudiana.** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / COGEAE: São Paulo. 2013.

RESUMO

Através da leitura da obra de Freud e de autores que abordam a temática do corpo em psicanálise, este trabalho tem o objetivo de pesquisar a concepção freudiana sobre o corpo e sua constituição. Buscou-se verificar o posicionamento e a inovação de Freud ao pensar a questão do corpo erógeno ao longo de sua obra em diferentes contextos e compreender de que maneira o autor nos comprova, principalmente através de sua clínica, a existência de um corpo que é biológico, mas que também está a serviço do psiquismo. Este estudo permite uma reflexão acerca da temática do corpo e sua constituição sob o olhar da teoria psicanalítica freudiana, podendo auxiliar psicanalistas e outros profissionais que lidam diretamente com estas questões em seu cotidiano e prática profissionais.

Palavras-chave: Corpo erógeno; Constituição; Psiquismo; Sexualidade.

ABSTRACT

Through the reading of Freud's work and authors who approach the theme of body in psychoanalysis, this study aims to survey Freudian conception of body and its constitution. It was attempted to verify Freud's positioning and innovation to think the question of erogenous body throughout his work in different contexts and comprehend how the author proves, mainly through its clinic, the presence of a body that is beyond the biological and in behalf of the psyche. This study provides a reflection on the theme of the body and its constitution throughout of Freudian psychoanalytic theory and might help psychoanalysts and other professionals who deal with these issues daily and in their professional practices.

Keywords: Erogenous body; Constitution; Psyche; Sexuality.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Silvana Rabello, pela atenção dedicada, a disponibilidade e o comprometimento que contribuíram não só para a elaboração deste trabalho, mas com minha formação e percurso profissional, suscitando novos questionamentos e reflexões e estimulando à continuidade dos estudos e pesquisas.

Aos professores do curso de Teoria Psicanalítica da PUC/Cogea, por transmitirem seu vasto conhecimento, contribuindo amplamente para o meu aprendizado.

À arte do Ballet Clássico, que despertou em mim o interesse incessante por tudo que abrange o corpo.

“Não somos nosso corpo em carne e osso, somos o que sentimos e vemos de nosso corpo.” (NASIO, 2009)

SUMÁRIO

Introdução.....	6
Capítulo I	
1. Corpo e psiquismo: Da dicotomia cartesiana à unidade freudiana.....	9
Capítulo II	
2. Freud e a concepção de corpo erógeno.....	17
2.1 Corpo e Narcisismo.....	23
Considerações Finais.....	28
Referências Bibliográficas.....	31

Introdução

O corpo vem sendo amplamente abordado e estudado na psicanálise atualmente. Seja através da temática sobre o corpo na contemporaneidade, da construção teórica acerca de sua constituição e representação ou pela via da sintomatologia que nele se apresenta.

Encontramos os mais diferentes olhares e concepções relacionados às questões corporais. Sendo assim, parece sensato questionar: Que corpo é esse que trata a psicanálise? E precisamente, a psicanálise freudiana. A questão que a priori pode parecer simples, torna-se complexa quando pensamos a inovação de Freud ao teorizar sobre o corpo ao longo de toda a sua obra, em diferentes momentos e contextos. A percepção do autor a partir da observação de seus casos clínicos, de que o corpo não se restringia apenas ao biológico, mas que trazia significações e representações inconscientes, modificou a visão organicista que até então existia a respeito.

O que Freud pôde perceber e nos conta a partir de suas observações? Se o corpo que trata a psicanálise não se restringe apenas ao orgânico, o que podemos então dizer a respeito da sua constituição?

Foi a afirmação do autor em *O ego e o id* (1923/2006) que diz “o ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal” (p. 39) o que suscitou os diversos questionamentos que trilharam o percurso deste trabalho.

Os questionamentos iniciais acerca deste assunto foram inquietantes: O corpo que permite a constiuição do psiquismo ou é o psiquismo que possibilita a existência do corpo? Os dois se constituem separadamente ou esta constituição se dá mútua e continuamente? E, talvez a mais importante e anterior a todas as outras neste momento: Qual é o corpo abordado por Freud?

Para tentar respondê-las, foi necessário voltar ao início, buscar, questionar e tentar compreender qual o corpo que Freud aborda e trata em sua teoria, para que pudesse apresentar de forma clara e inteligível qual a concepção de corpo estudada pela psicanálise freudiana.

Não encontramos na teoria freudiana um conceito formulado sobre o corpo, porém, ao falar sobre a constituição subjetiva, a sexualidade infantil, sobre a formação sintomática, sobre o narcisismo e a formação do eu, Freud trabalha longamente com a questão corporal.

Desta forma, desde os primeiros textos chamados de 'pré-psicanalíticos', quanto naqueles dedicados aos estudos sobre a histeria, passando pelas produções teóricas conceituais da primeira tópica até os trabalhos posteriores a formulação da segunda tópica, o corpo aparece como de fundamental importância e amplamente abordado na obra freudiana.

Para compreender a questão epistemológica que nos apresenta Freud ao aproximar corpo e mente quando mostra-nos a noção de um corpo erógeno, fez-se necessário compreender de que maneira esta ideia de uma dicotomia entre corpo e mente foi construída e transmitida ao longo da história e nas diversas áreas e ciências.

Para isto, no primeiro capítulo foi trilhado brevemente um percurso histórico sobre a ideia de corpo, bem como sobre a construção desta dicotomia cartesiana entre corpo e mente através dos tempos. Posteriormente, a partir dos aspectos e conceitos apresentados por Freud em seus relatos de casos clínicos e naquilo que nos apresentou sobre a conversão histérica e sobre os sintomas da hipocondria, podemos pensar na inovação freudiana sobre a concepção do corpo e naquilo que o autor nos diz a respeito dela. Ou seja, apresentar de que maneira Freud irá construir teoricamente e muito pautado naquilo que sua clínica e sua observação pode lhe revelar, a sua concepção de corpo, e brevemente apontar quais os aspectos clínicos que podem comprovar o que ele nos afirma teoricamente em suas formulações.

Neste momento, no segundo capítulo, propôs-se a partir de alguns textos da obra de Freud, sendo eles: 'Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)', 'Sobre o narcisismo: uma introdução (1914)' e 'Pulsões e suas vicissitudes (1915)', fazer alguns recortes pautados na construção de Freud ao longo destes trabalhos e de suas descobertas e afirmações, que possibilitassem a compreensão do que é este corpo erógeno apresentado pelo autor e qual a construção que ele nos propõe desenvolver.

Para concluir, é retomada a questão inicial em relação à constituição do corpo, para que possamos refletir se este corpo erógeno apresentado pela teoria freudiana pode ser compreendido como uma construção psíquica. Também são apresentadas as reflexões e os questionamentos suscitados ao longo do percurso de elaboração deste trabalho, com o objetivo de levantar novas possibilidades de reflexão, novas questões e direções de trabalho sobre a ampla temática do corpo em psicanálise.

Capítulo I

1. Corpo e psiquismo: Da dicotomia cartesiana à unidade freudiana.

A história e a compreensão do corpo podem passar por diferentes construções e perspectivas, a leitura que se faz do corpo é atravessada pelas questões sociais e históricas através dos tempos.

Para Soares (2004), é a metafísica que filosoficamente irá tratar das questões mente-corpo e abordar o fato dos fenômenos mentais parecerem, num certo sentido, diferentes dos corpos de onde parecem depender. Destaca-se dentre as teorias da filosofia, duas delas que lidam com o problema mente-corpo: o dualismo é a teoria que abordará mente e corpo como duas 'substâncias diferentes', enquanto o monismo dirá que mente e corpo, em suma, é uma 'substância única'.

De acordo com a autora, na Idade Antiga, Platão já descrevia a alma como pré-existente ao corpo. Durante a Idade Média o corpo era visto como lugar de doença e de pecado e estaria no campo do impuro, enquanto à alma, eram atribuídos valores como razão e espiritualidade. Ainda nesse período, relata a autora, Santo Agostinho afirmava que a constituição do homem resultava de um corpo e uma alma.

A autora afirma que diante deste contexto histórico, Descartes corroborou a ideia de cisão e de dualismo entre corpo e mente, sendo seus estudos atribuídos à filosofia/religião e à medicina, respectivamente.

A maneira como concebemos mente e corpo atualmente no mundo ocidental foi identificada por Descartes, porém esta questão foi apontada e trabalhada por filósofos anteriores a Aristóteles, onde alguns deles negam o dualismo cartesiano da mente como uma forma substancialmente separada do corpo, alegando que a distinção entre os dois seria equivocada.

Fernandes (2008) aponta que as questões relacionadas ao corpo e a mente estão presentes tanto na filosofia, como na religião e mesmo posteriormente nos estudos da psicossomática, através de diversas crenças e

teorias, e isso se faz presente amplamente em grande parte das discussões desde os tempos remotos até as disciplinas mais atuais.

Por ser uma história densa e complexa, o objetivo neste momento não é se estender e detalhar de que maneira se desenvolveu esta construção da cisão entre corpo e mente. Apenas observarmos, que diante da história e de diversos pensamentos em relação ao corpo e a mente, há uma dicotomia cartesiana que está na base do pensamento que os cinde e os coloca como pares complementares ou como opostos, mas nunca como equivalentes, da maneira que fará e inovará Freud ao nos contar longa e detalhadamente durante toda sua construção teórica ao longo de sua obra, a respeito das suas descobertas e formulações sobre o corpo que chamou de “erógeno”.

Diversos recortes poderiam ser feitos para auxiliar na compreensão da construção freudiana e exemplificar o que nos diz o autor sobre o corpo erógeno. Foram escolhidos dois recortes bastante elucidativos que podem auxiliar a compreensão deste processo do pensamento freudiano: O primeiro, composto de trechos e reflexões do caso clínico de Elizabeth von R. (1893), jovem paciente de Freud que apresenta sintomas histéricos conversivos, e o segundo, um recorte do que Freud nos diz em momentos da sua obra sobre a hipocondria, sintoma que aparece em relação ao corpo sem a presença ou constatação de uma doença orgânica.

Desde os seus *Estudos sobre a Histeria (1893-1895)*, Freud nos apresenta um corpo distinto daquele com o qual estávamos habituados. Percebemos a partir de então, um corpo que é biológico, mas é também erogeneizado e atravessado por questões psíquicas.

Sem a intenção de restringir o corpo erógeno às conversões histéricas, porém, iniciando neste campo e aspecto da obra freudiana, vemos claramente no início da obra do autor com o que chamou de “conversão histérica”, ele falar deste corpo erógeno, sexualizado e investido de libido, e que mostrará o que se passa psicicamente com as pacientes que lhe chegam.

Fernandes (2008) diz que nesse momento da teoria, a observação clínica de Freud sobre os sintomas das suas pacientes histéricas foi o que

possibilitou a corroboração da ideia de “um corpo que narra o que mostra, como nas imagens visuais e no discurso do sonho” (p. 34).

Sintoma esse, que é mantido pelo recalque e aparece no corpo como representação de algo psíquico, e que como Freud demonstra até esse momento através de seus casos, se desfaz diante da interpretação e elucidação de seu sentido oculto.

Para a autora, as histéricas nos mostrarão através de seus sintomas, que há um corpo que não obedece às leis e regras da anatomia, mas segue a lógica do inconsciente e do desejo representado pela linguagem simbólica.

Um de seus casos mais conhecidos e escolhido para ilustrar, a partir de alguns trechos, de que maneira Freud passou a perceber a existência do corpo sob o ponto de vista tratado aqui neste trabalho e tornar mais nítida o que é a concepção freudiana do que chamou “corpo erógeno”, é o da ‘Srta. Elizabeth von R.’ (1893).

Ao apresentar o caso desta paciente, Freud (1893/2006) dirá:

“(…) A Srta. Von R. comportava-se de forma inteiramente oposta, e somos levados a concluir que, já que ela ainda assim atribuía importância suficiente a seus sintomas, sua atenção devia estar em outra coisa, da qual as dores eram apenas um fenômeno acessório – provavelmente, portanto, em pensamentos e sentimentos que estavam vinculados a elas.” (p. 162).

Freud (1893/2006) começa a introduzir, já na apresentação do caso de Elizabeth, a noção de que as dores apresentadas pela paciente como sintoma estariam vinculadas a outras questões, provavelmente a sentimentos e pensamentos inconscientes a serem escutados e interpretados durante o seu processo de análise.

Neste momento, ele ainda se utiliza da técnica da hipnose e da pressão na testa, e tem a concepção de que era em estado de hipnose que o paciente conseguiria chegar ao ponto inicial e àquilo que desencadeou o seu sintoma, e assim, o sintoma estaria desfeito. Freud (1893/2006) nos

conta sobre seus procedimentos com Elizabeth e suas percepções a partir deles:

“Quando se pressionava ou beliscava a pele e os músculos hiperálgicos de suas pernas, seu rosto assumia uma expressão peculiar, que era antes de prazer do que de dor.” (p. 163).

E também:

“Com o tempo, passei a utilizar essas dores como uma bússola para minha orientação: quando a moça parava de falar, mas admitia ainda estar sentindo dor, eu sabia que ela não me havia contado tudo e insistia para que continuasse sua história, até que a dor se esgotasse pela fala. Só então eu despertava uma nova lembrança.” (p. 173).

Em uma passagem interessante da apresentação do caso, o autor faz algumas reflexões iniciais sobre os sintomas da paciente e às associações que ela faz durante a sua fala, associações essas que Freud nos dirá ter grande significação na apresentação do sintoma conversivo escolhido por ela. Escreve:

“Em outra série de episódios, que abrangiam suas tentativas frustradas de estabelecer uma nova vida para sua família, ela nunca se cansou de repetir que o doloroso nelas tinha sido seu sentimento de desamparo, o sentimento de que não podia ‘dar um único passo à frente’” (p. 176).

Freud (1893/2006) afirma ter pensado, neste momento da análise de Elisabeth, que a paciente encontrou uma “expressão simbólica” (p. 176) para seus pensamentos dolorosos. Ele compreende que o conflito se instaurou e que, sendo recalcado, retornou para a paciente em forma de sintoma conversivo. Descreve:

“Naquele momento de terrível certeza de que a irmã amada estava morta sem ter-lhes dito adeus, e sem que ela lhe tivesse aliviado os últimos dias com seus cuidados, naquele exato momento outro pensamento atravessou a mente de Elisabeth, e agora se impunha de

maneira irresistível a ela mais uma vez, como um relâmpago nas trevas: ‘Agora que ele está livre novamente, eu posso ser a sua esposa’.” (p. 180).

Podemos pensar aqui, na função do sintoma histérico. Quando o sentimento que é insuportável chega à consciência, ele é no mesmo momento recalçado tornando-se assim inconsciente. Porém, parte disso que foi recalçado, encontrará evasão através do sintoma que surge no corpo. Sobre isso Freud (1893/2006) escreve:

“Ela conseguiu poupar-se da dolorosa convicção de que amava o marido da irmã induzindo dores físicas em si mesma. E foi nos momentos em que essa convicção procurou impor-se a ela que suas dores surgiram.” (p. 180).

E ainda:

“Naquela época, assim como durante a análise, seu amor pelo cunhado estava presente em sua consciência, como um corpo estranho, sem entrar em relação com o restante de sua vida representativa.” (p. 188).

No caso de Elizabeth, Freud já cita o que mais tarde ficou conhecido como os dois tempos do trauma no sintoma histérico. Quando relata as dores de sua paciente, ou seja, o seu sintoma, percebe e conta-nos que eles não surgiram em um primeiro momento durante a vivência das cenas, mas sim em um segundo momento, quando recordou e reviveu em lembranças as suas impressões e sentimentos. Esse relato vai de encontro com o que o autor disse ainda em seus Estudos sobre a histeria, na Comunicação Preliminar (1893/2006b), a conhecida frase “*Os histéricos sofrem principalmente de reminiscências*” (p. 43).

Ao concluir a discussão sobre o caso, Freud (1893/2006) escreve que:

“A paciente criara ou aumentara seu distúrbio funcional por meio da simbolização, que encontrara na astasia-abasia uma expressão somática para sua falta de uma posição independente e sua incapacidade de fazer qualquer alteração em suas circunstâncias de vida, e que expressões como ‘não ser capaz de dar um único passo

à frente' e 'não ter nada em que se apoiar' serviram de ponte para esse novo ato de conversão." (p. 196).

Este talvez seja um dos exemplos mais claros e elucidativos de como o corpo é atravessado pelas questões psíquicas. Nos casos de conversão histórica, percebemos com mais clareza a erogeneidade do corpo, a maneira como uma parte do corpo tende a ser investida de libido. O autor nos dirá que o sintoma é causado para evitar a angústia que surge de dois desejos que geram conflitos incompatíveis à consciência do paciente.

Além do sintoma conversivo apresentado na histeria, que vimos anteriormente, Freud nos apresenta ao longo de sua construção teórica outros aspectos que podem ser tomados como exemplos da existência de um corpo representado psicologicamente. Um desses exemplos, e que será exposto agora através de passagens em momentos da obra freudiana, é o que nos diz o autor sobre a hipocondria.

Em diversos momentos da sua obra, Freud trata ou cita a hipocondria. Chega a colocá-la ao lado da neurastenia e da neurose de angústia como uma terceira neurose atual. Em 1914, ele se detém mais detalhadamente à questão da hipocondria, agora sob a perspectiva do conceito de narcisismo, onde a ideia que fazemos aqui, da hipocondria como um excesso de investimento libidinal em um órgão, aparece mais claramente.

Em 1914, no texto *'Sobre o narcisismo: uma introdução'*, Freud (1914/2006) afirma que:

"a hipocondria da mesma forma que a doença orgânica, manifesta-se em sensações corpóreas aflitivas e penosas" e que "o hipocondríaco retira tanto o interesse quanto a libido – a segunda de forma especialmente acentuada – dos objetos do mundo externo, concentrando ambos no órgão que lhe prende a atenção." (p. 90).

O autor mostra a hipocondria como um investimento imaginário em uma doença de órgão que não é biológica. O que nos dirá Freud ao longo deste

texto, é que o hipocondríaco adoece pelo excesso de amor e de libido que foi investido em si, em seu órgão.

É o que nos deixa claro quando define ainda neste mesmo texto, a erogeneidade:

“como uma característica geral de todos os órgãos e, então, podemos falar de um aumento ou diminuição dela numa parte específica do corpo. Para cada uma das modificações na erogenicidade dos órgãos poderia, então, verificar-se uma modificação paralela da catexia libidinal no ego.” (p. 91).

Ele amplia, neste sentido, a ideia da erogeneidade dos órgãos. Ela não está ligada apenas às zonas erógenas propriamente ditas e específicas, mas a toda a superfície cutânea, ou seja, a todo o corpo incluindo os seus órgãos internos. Desta forma, torna-se possível que um órgão seja hiperinvestido de libido, como ocorre na hipocondria.

Estes dois recortes foram feitos, com o objetivo que, através do que foi mostrado e discutido, possamos compreender teórica e clinicamente em um primeiro momento, esse corpo que nos fala Freud. As observações e as construções teóricas do autor, sempre estiveram pautadas em sua clínica, nos sintomas e no discurso dos seus pacientes. Desta forma, ao relatar um pouco mais detalhadamente algumas de suas observações, e entender o ponto de onde ele partiu, torna-se mais fácil compreender a sua construção teórica. Diversas passagens da obra freudiana confirmam o que é dito aqui neste momento. Em um momento posterior de seus trabalhos, Freud (1905/2006) escreve:

“Entre a premência da pulsão e o antagonismo da renúncia ao sexual situa-se a saída para a doença, que não soluciona o conflito, mas procura escapar a ele pela transformação das aspirações libidinosas em sintomas” (p. 156).

A concepção de corpo nos dias de hoje, é muito influenciada pela teoria freudiana. O entendimento que temos do corpo a partir de Freud é que este

reflete e se submete aos efeitos do psíquico. Sendo assim, falar sobre o corpo em psicanálise não restringe ao fisiológico e ao orgânico. A compreensão que se faz aqui, é que o corpo sofre as influências e está a serviço do psíquico, e é isso que a conversão histérica e a hipocondria irão nos mostrar: que o psíquico pode se apropriar do orgânico.

Temos agora mais claramente, a maneira como Freud percebe em sua clínica esse corpo que, através dos relatos de suas pacientes, ele testemunha simbolizar um conflito psíquico inconsciente, e assim inicia a sua construção singular sobre a noção de corpo em psicanálise. No capítulo seguinte, será trilhado o percurso feito por Freud ao longo de suas produções, buscando compreender agora teoricamente, o que ele nos diz sobre essa concepção de corpo erógeno no decorrer de sua obra. É importante ressaltar, que para este trabalho, foi feito um recorte sobre essa temática em alguns textos eleitos para refletir sobre o tema, o que não esgota a abordagem desse assunto nas obras de Freud, o qual está presente em diversos outros momentos e produções que não serão trabalhados aqui, neste momento.

Capítulo II

2. Freud e a concepção de corpo erógeno.

Como vimos, a partir do sofrimento das histéricas e das conversões que estas apresentavam em seus sintomas, Freud pode perceber que o corpo era muito mais que o orgânico, que ele poderia ser o lugar de realização de desejos inconscientes e, por isso, suas pacientes apresentavam diversas manifestações sintomáticas as quais possuíam sentido e significação.

Mais adiante, a partir da teorização sobre a sexualidade infantil, sobre as pulsões, e principalmente com a construção do conceito de narcisismo, diversos comentadores apontam para o que Freud nos diz: mais que um “lugar de realização de desejos”, o corpo em si, seria uma representação psíquica, e, portanto, falar de corpo e psiquismo seria indissociável. Veremos como isso se deu na construção teórica freudiana mais detalhadamente.

Em *“Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)”*, Freud nos relata sobre uma pulsão sexual análoga a fome, e que por falta de outro termo mais adequado, é chamada de libido.

A primeira parte deste seu trabalho, dedicada a todos os “desvios” e perversões em relação ao objeto e ao alvo sexual, tem como objetivo mostrar-nos que a sexualidade humana não é algo natural, ela é construída singular e subjetivamente. A importância deste trabalho de Freud (1905/2006) em investigar a sexualidade infantil, se dá, pois, segundo ele “a sexualidade dos psiconeuróticos preserva o estado infantil ou é reconduzida a ele” (p. 165), e assim sendo, compreender como essa sexualidade se organiza durante os primeiros anos da infância, nos daria subsídios para compreender o funcionamento psíquico do adulto.

Escreve ainda que “Não só os desvios da vida sexual normal, como também a configuração normal desta são determinados pelas manifestações infantis da sexualidade” (p. 201).

A ideia da existência de uma sexualidade infantil é, segundo Garcia-Roza (2011), o que possibilitará compreendermos o corpo erógeno o qual nos relata o autor.

Freud (1905/2006) afirma que “os sintomas são a atividade sexual dos neuróticos” (p. 155), e explica ainda que a conversão nos histéricos aparece como um substituto sintomático de processos e desejos inconscientes. E, conforme pudemos ver anteriormente no caso de Elisabeth von R., escreve ainda que

“Entre a premência da pulsão e o antagonismo da renúncia ao sexual situa-se a saída para a doença, que não soluciona o conflito, mas procura escapar a ele pela transformação das aspirações libidinosas em sintomas.” (p. 156).

Quando Freud se refere ao sintoma como atividade sexual dos neuróticos, está afirmando que a formação sintomática é também uma satisfação pulsional, ainda que esta seja parcial. O que se torna claro posteriormente, é que os objetos só possibilitam uma satisfação parcial e nunca plena da pulsão.

Posteriormente, Freud (1905/2006) escreve sobre as pulsões parciais e as zonas erógenas, onde o termo, segundo explica em nota de rodapé, aparece pela primeira vez. Estes dois conceitos nos auxiliam a compreender a construção freudiana acerca das questões corporais. Ele afirma que podemos compreender a pulsão como “o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente.” (p. 158) e que “a fonte da pulsão é um processo excitatório num órgão, e seu alvo imediato consiste na supressão desse estímulo orgânico” (p. 159). Em nota de rodapé, o autor pontua que a teoria das pulsões é a mais importante e também a mais incompleta dentre as teorias da psicanálise.

Dez anos após essa abordagem das pulsões, Freud retoma o conceito em seu texto *‘Os instintos e suas vicissitudes (1915)’*. Nesse momento da teoria freudiana, o conceito de pulsão é de fundamental importância para o entendimento do corpo. Pois, o que surge é a ideia de uma pulsão que retrata

no psiquismo o que vem do corporal. É através da corporeidade – e não afirmo aqui que o corpo seja pré-existente ao psíquico, mas sim o lugar que viabiliza as pulsões e a erogeneidade – que é possível se pensar a pulsão e a conversão da excitação do corpo em moção psíquica.

De acordo com Freud (1915/2006), ao falarmos de pulsão podemos compreendê-la:

“como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo” (p. 127).

A pulsão, segundo ele, possui quatro componentes: pressão, finalidade, objeto e fonte. Sendo que a pressão diz respeito à quantidade; a finalidade, como dito anteriormente, é obter satisfação; o objeto é aquilo que em si ou através do qual a pulsão atingirá sua finalidade (satisfação) e a fonte é um processo somático de excitação em um órgão e que é representado psiquicamente. Afirma ainda, que o interesse da psicanálise se recai sobre as vicissitudes das pulsões.

O autor neste momento, ainda faz uma distinção entre as pulsões do eu, aquelas ligadas às funções corporais e a preservação da vida do sujeito e que estão a serviço da conservação da vida deste, e as pulsões sexuais, que são concebidas e regidas pelo princípio do prazer.

Gracia-Roza (2011) pontua que podemos pensar as “pulsões do eu” não como sendo aquelas que emanam do eu, mas sim como as pulsões que visam o eu.

Toda a discussão que surge da complexa oposição entre pulsões sexuais e pulsões do eu e o questionamento que surge em relação a isso com o advento do conceito de narcisismo, que coloca o eu como objeto de investimento libidinal, será reformulada apenas em 1920 com os conceitos de

pulsão de vida e pulsão de morte, onde as pulsões sexuais e do eu são englobadas pelas pulsões de vida em oposição à pulsão de morte.

Outro conceito, o de zona erógena, é de fundamental importância para a compreensão do corpo na teoria freudiana e está intimamente ligado à pulsão, ele aparece detalhadamente em sua obra sendo ampliado posteriormente de algumas zonas específicas para todo o corpo.

A respeito das zonas erógenas e a sua abrangência a todo o corpo interna e externamente, Freud (1905/2006) aponta que a pele assume a função de “zona erógena por excelência” (p. 160). Expandindo a noção que se tinha de zonas erógenas restritas àquelas já conhecidas (oral, anal e genital) e tornando todo o corpo passível de excitabilidade.

Para a psicanálise, e em toda a teoria freudiana, a sexualidade e a erogeneidade não se restringe à genitália. O corpo todo é uma zona erógena e todo ele é excitável, externa e internamente. Essa erogeneidade do corpo possibilita, por exemplo, a existência dos sintomas histéricos conversivos ou de hipocondria e a significação que as diferentes zonas e órgãos poderão adquirir neles, de acordo com o que vimos nos exemplos relatados anteriormente.

O autor fala sobre a ação de chuchar como uma das manifestações da sexualidade infantil. O ato de chuchar torna-se prazeroso para a criança, pois remete ao mamar, e neste sentido não se restringe e remete apenas à satisfação fisiológica da fome, mas a toda a satisfação pulsional que vem do ato de mamar, e que pode ser revivida e repetida pelo chuchar. Este é um exemplo que nos coloca diante da questão do quanto a pulsão não está a serviço apenas da nutrição e da satisfação das necessidades vitais, mas que se torna independente destas e tenderá a se repetir visando a obtenção de prazer.

Freud (1905/2006) afirma que “tal como ocorre no chuchar, qualquer outra parte do corpo pode ser provida da excitabilidade da genitália e alçada à condição de zona erógena.” (p. 173). Escreve ainda que

“a criança traz consigo ao mundo, germes de atividade sexual e que, já ao se alimentar, goza de uma satisfação

sexual que então busca reiteradamente proporcionar-se através da conhecida atividade de ‘chuchar’.” (p. 219).

Neste ponto, começamos a nos aproximar do que Freud dirá sobre o auto-erotismo, sobre a maneira que ao viver uma situação prazerosa através do corpo do outro e do investimento libidinal que este lhe faz, a criança busca repeti-la, agora utilizando de seu próprio corpo.

Garcia-Roza (2011) destaca a importância nesse ato de chuchar, pois nele está presente o conceito mais importante dessa obra freudiana, o auto-erotismo. Nele, o bebê toma por objeto uma parte de seu próprio corpo, que o tornará independente do seio materno. O autor ressalta a importância desses dois aspectos, a independência do objeto externo e da finalidade de nutrição como precursores para Freud postular o conceito de auto-erotismo (p. 33).

Para o autor, essa independência da pulsão sexual em encontrar satisfação sem recorrer a um objeto externo que ocorre no auto-erotismo, é o que marca que a pulsão sexual humana não se equipara ao instinto, nem se reduz às necessidades fisiológicas, mas está à serviço de uma primeira satisfação vivida e que busca se repetir ao longo da vida do sujeito.

Freud (1905/2006) abordará as manifestações psíquicas da vida sexual a partir da teoria da libido, e neste sentido, nos diz que “essa excitação sexual é fornecida não só pelas chamadas partes sexuais, mas por todos os órgãos do corpo” (p. 205).

Mais uma vez aqui, aparece na afirmação de Freud (1905/2006) a existência da ideia de um corpo erógeno, que é todo e completamente sexualizado e excitável.

Segundo Garcia-Roza (2011), é importante ressaltar que a libido não traz em si nenhuma referência quanto ao objeto que deve investir (p. 38). A referência da libido baseia-se apenas na busca por repetir uma primeira experiência de satisfação.

Ao falar do “encontro com o objeto” que ocorrerá na puberdade, Freud (1905/2006) relata aquilo que acontece na mais tenra infância com a criança: a

satisfação e a ligação da pulsão sexual ao seio materno. Explica-nos que mais tarde, quando a criança pode representar o objeto como um todo e não mais parcialmente (seio), essa pulsão se tornará auto-erótica, voltando a reestabelecer esta relação somente após o período da latência. Afirma assim, que “o encontro com o objeto é, na verdade, um reencontro” (p. 210).

Aponta que essa necessidade de reviver e repetir uma satisfação ocorre em decorrência de uma primeira experiência satisfatória, como dito anteriormente. O que vai se tornando claro, é que para haver auto-erotismo, houve antes um investimento libidinal do outro¹ na criança.

Quando ele nos fala sobre o início da vida do bebê e a fase de amamentação, torna-se mais claro o papel do outro na libidinização do corpo do bebê. É o outro que tornará possível para a criança o reconhecimento de si, de seu corpo e da constituição do eu. Sem o investimento do outro não é possível haver a construção da própria imagem. É a alteridade, neste sentido, que dá condições à construção e a existência de um eu. Neste momento, se dá a importância da introdução do conceito de narcisismo para a teoria da psicanálise na construção da subjetividade.

Escreve Freud (1915/2006) que

“no próprio começo da vida mental, o ego é catexizado com os instintos, sendo, até certo ponto, capaz de satisfazê-los em si mesmo. Denominamos essa condição de ‘narcisismo’, e essa forma de obtenção de satisfação de ‘auto-erótica’” (p. 139).

Fernandes (2008) escreve que a introdução do conceito de narcisismo

“interessa diretamente à questão do corpo na psicanálise, à medida que ela sustenta a ideia de que o sujeito toma seu próprio corpo como objeto de amor (...). O registro do narcisismo propõe a ideia de um corpo unificado, o

¹ Ou seja, a mãe ou aquele que irá desempenhar a função materna para o bebê.

próprio corpo se encontra, assim, imediatamente colocado no lugar de si mesmo.” (p. 80).

Podemos encontrar mais profunda e detalhadamente questões e conceitos que abordem essa temática mais claramente e nos ajude a compreender como se dá este processo, no trabalho de Freud: *“Sobre o narcisismo: uma introdução (1914)”*.

2.1. Corpo e Narcisismo

Através da formulação de Freud sobre conceito de narcisismo em 1914, podemos evidenciar o quanto ele pode contribuir para a compreensão do corpo na teoria psicanalítica, a partir da concepção da importância do outro e do seu investimento para a constituição da subjetividade.

Segundo Freud (1914/2006), não há um eu formado no início da vida, “o ego tem de ser desenvolvido” (p. 84). É através do processo de desenvolvimento da criança, do investimento libidinal do outro, do retorno desse investimento em si mesmo e depois para o mundo, que o desenvolvimento e a constituição do eu se torna possível. Escreve que diferente da instância egóica que é desenvolvida a posteriori,

“Os instintos auto-eróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo” (p. 84).

Garcia-Roza (2011) afirma que o que se acrescenta ao auto-erotismo, para dar forma ao narcisismo, é o eu. Escreve que “o narcisismo é condição de formação do eu, chegando mesmo a se confundir com o próprio eu” (p. 42).

Para ele, quando Freud afirma que o eu não está presente desde o início, ele refere-se ao início da vida erótica e da série prazer/desprazer e que é a partir disto que o biológico passa a ser investido de libido. Aponta que

“a sexualidade não tem sua origem no biológico, assim como uma ordem secundária pode ter sua origem em uma ordem primária que a fundamenta e fornece seu princípio de inteligibilidade” (p. 54).

O autor explica a distinção entre o auto-erotismo e narcisismo dizendo-nos que no primeiro, não é o corpo como um todo que é tomado como objeto de investimento libidinal, apenas partes de um corpo que ainda não há representação de unidade, para que haja essa representação de si é preciso que haja o eu.

Neste ponto, em relação à constituição desse eu, que Freud (1914/2006) falará sobre o narcisismo revivido dos pais que possibilita o surgimento do narcisismo da criança.

Freud (1914/2006) cita como exemplo aquilo que ocorre na doença e no processo do sono para poder explicar a retirada de investimento libidinal dos objetos externos para um investimento no próprio ego.

De acordo com ele,

“as primeiras satisfações sexuais auto-eróticas são experimentadas em relação com funções vitais que servem à finalidade de auto-preservação. Os instintos sexuais estão de início, ligados à satisfação dos instintos do ego; somente depois é que eles se tornam independentes destes, e mesmo então encontramos uma indicação dessa vinculação original no fato de que os primeiros objetos sexuais de uma criança são as pessoas que se preocupam com a sua alimentação, cuidado e proteção” (FREUD, 1914/2006, p. 94).

Ao nos falar sobre o narcisismo primário, aquele que em um primeiro momento todos nós vivenciamos na mais tenra infância, Freud (1914/2006) irá relatar que o narcisismo do bebê se cria pelos pais. Afirma que todo o encantamento e devoção nada mais é que “uma revivência e reprodução de seu próprio narcisismo, que há muito abandonaram” (p. 97).

Sobre isso ele nos dirá ainda que, “o amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual,

transformado em amor objetual, inequivocamente revela sua natureza anterior” (p. 98).

O autor ressalta nesta passagem, a importância do narcisismo dos pais para que se possibilite o surgimento do narcisismo da criança. Pois, é só através do outro, que é possível que haja este movimento.

Neste sentido, afirma Fernandes (2008) que “o corpo psicanalítico é, portanto, construído pela alteridade.” (p. 92).

De acordo com Freud (1914/2006), a partir do próprio narcisismo abandonado dos pais é que eles poderão olhar para o bebê como o detentor de toda a perfeição, “sua majestade o bebê” (p. 98), como escreve o autor.

Mais uma vez, Freud nos mostra o quanto o nosso psiquismo se constitui pelo outro, através do olhar, cuidado e investimento libidinal do outro é que se torna possível construirmos o nosso eu.

Adiante, aponta que o “ego ideal é agora o alvo do amor de si mesmo desfrutado na infância pelo ego real. O narcisismo do sujeito surge deslocado em direção a esse novo ego ideal, o qual como o ego infantil, se acha possuído de toda perfeição de valor” (p. 100).

A partir disto, o autor pontua que para recuperar a perfeição narcisista vivenciada na infância, o sujeito busca fazê-lo através da formação de um ego ideal. Diz que “o que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância, na qual ele era o seu próprio ideal” (p. 101).

Não é o foco ou objetivo deste trabalho atentar-se na concepção lacaniana do estágio do espelho na formação do eu, porém, é importante ressaltar, como nos relata Fernandes (2008), que é a partir da conceituação freudiana sobre o narcisismo, que Lacan se apoia em dizer que a criança ao olhar-se e ver-se refletida no espelho (Outro), reconhece como própria a

imagem de seu corpo, como sendo um corpo unificado. E a partir daí, possibilita o surgimento e a organização da instância do eu.²

Garcia-Roza (2011) afirma que o eu do estágio do espelho aparece como uma representação complexa relacionada à imagem corporal, e que é esta imagem que possibilita uma primeira unidade ao sujeito (p. 56). Esse eu, é formado pela imagem que o indivíduo tem de seu próprio corpo e a constituição desta imagem está vinculada a imagem que os pais projetam em seus filhos, construindo seu narcismo.

Já Nasio (2009) escreve que:

“Embora esquecidas, as primeiras sensações corporais vividas quando éramos bebês continuam a agitar nosso corpo de adulto e a exercer uma influência decisiva sobre nossa vida afetiva, nossas escolhas, até mesmo nossas produções intelectuais ou artísticas mais elaboradas” (p. 153).

O que nos dirá Garcia-Roza (2011) sobre o estágio do espelho, é que ele se refere a relação que a criança estabelece com o outro e que através dela constituirá a totalidade de seu corpo. O corpo da criança, antes fragmentado, passa a partir deste momento a construir um esboço de si mesmo pela identificação ao outro.

Essa relação de identificação ao outro e o conseqüente desenvolvimento do eu, se dá quando a libido se desloca para um ideal de eu que é imposto de fora, este que é constituído das exigências externas e, principalmente, daquilo que é transmitido pelos pais e que o sujeito tende a satisfazer (p. 69).

Como apontou Freud em diversos momentos de sua obra e principalmente no trabalho sobre o narcisismo, e confirma Nasio (2009) e Garcia-Roza (2011), são as vivências e as experiências iniciais do bebê com os pais e a imagem de si que se constitui a partir do olhar e do investimento libidinal destes na criança, que possibilitam a constituição do eu.

² Para uma maior elucidação e aprofundamento sobre o tema ler: LACAN, J. (1936) O estágio do espelho como formador da função do eu.

Podemos compreender que o conceito de narcisismo é de fundamental importância na compreensão do corpo em psicanálise. Já que é este o conceito que sustentará a noção de que o sujeito pode tomar o seu próprio corpo como objeto de amor.

De acordo com Fernandes (2008), é a partir da construção do conceito de narcisismo, e a ideia do próprio corpo ser tomado como objeto de amor, que Freud fará em 1923 o enunciado, que suscitou o questionamento inicial sobre a constituição do corpo neste trabalho, de que “o ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal” (p. 39).

Conforme pudemos acompanhar ao longo deste segundo capítulo, a noção de corpo aparece de maneiras diferentes em cada momento da obra freudiana. Nos exemplos dados no capítulo anterior, sobre a conversão histérica e a hipocondria, vemos tratar um corpo de representações e simbolizações. Posteriormente, com o conceito de narcisismo, Freud aborda longamente a importância da alteridade na constituição da imagem corporal do sujeito. O que vimos foi, a partir de um recorte, a construção do autor até este momento da sua obra, o que pode ser repensado ao longo de todo o seu percurso teórico.

Considerações Finais

A afirmação geradora de toda a discussão feita neste trabalho e tomada como questão ao longo dele, foi o que nos diz Freud em *O ego e o id* (1923/2006) que “o ego é, antes e acima de tudo, um ego corporal” (p. 39).

Pensar essa afirmação implica em refletir sobre a sua ambiguidade. Conforme pudemos acompanhar, Freud trilhou um percurso teórico que nos fez compreender que o corpo é, também, uma representação psíquica e que a partir disto, não há como afirmarmos a pré-existência de um corpo a priori do psiquismo ou vice-versa, já que isso que vemos e compreendemos de nosso corpo, passa pelo que sentimos, vivenciamos e representamos dele, e que foi constituído através da linguagem e do olhar do outro.

Pautado em sua teoria do apoio, Freud nos dirá que o corpo é investido de libido desde os primeiros momentos de vida, inicialmente, através da satisfação das necessidades fisiológicas da fome, e após essa primeira experiência de satisfação que é também pulsional, o bebê buscará sempre repeti-la. Passa a partir disso pelo auto-erotismo, pelo narcisismo, até que seja possível que haja uma noção de eu, uma representação psíquica deste corpo. Neste sentido, é apoiado na primeira experiência de satisfação que todo o percurso da constituição da subjetividade se dará.

Para ampliar e enriquecer essa discussão sobre as primeiras experiências de satisfação, Laznik (2004) questiona a teoria do apoio freudiana em sua tese de que não é a satisfação da necessidade fisiológica da fome que organizará o circuito pulsional do sujeito, mas afirma que antes disso, a voz da mãe – do Outro primordial para o bebê – que desperta o bebê para a alteridade.

A autora traz como exemplo, a observação de bebês recém-nascidos feita por pesquisadores neurolinguistas que mostrou que antes mesmo da primeira experiência de satisfação alimentar, a fala da mãe dirigida ao bebê toma a sua atenção de uma maneira muito peculiar, e até o chuchar da chupeta passa a ser mais intenso durante esses momentos, o que não ocorria

quando a voz da mãe era direcionada a outra pessoa, ou quando a voz da mãe era escutada através de gravações, mas não havia a sua presença. O que pôde-se concluir disto, é que antes de qualquer satisfação fisiológica da fome, o bebê “se alimenta” daquilo que ele percebe, através do tom de voz da mãe e de seu olhar quando dirigido a ele, que a sua presença causa nesta mãe, e isto possibilita que ele organize o seu circuito pulsional.

Retomando Freud, o que fica claro é que mais do que a anatomia e a fisiologia do corpo biológico, cada sujeito irá construir e dar sentido singularmente à sua própria anatomia.

Não é incomum a constatação do fascínio que nos produz olhar estes corpos, seja os corpos esteticamente esculpidos das academias e centros estéticos, os corpos adoecidos das clínicas e hospitais ou o corpo presente nas artes cênicas e na dança. O que nos fascina e encanta não é apenas o corpo físico em si, é também a representação e os significados que cada um de nós irá imprimir diante disso e que está estreitamente vinculado à nossa subjetividade.

Freud mostrará que o corpo que representamos como próprio está completamente atravessado pelo encontro com o outro que é, em última instância, constitutivo. É na alteridade e através dela, que o corpo biológico pode constituir-se em corpo erógeno. O investimento libidinal do outro é que possibilita a simbolização, a representação e torna este corpo habitado pela linguagem e subjetividade.

O advento teórico do narcisismo vem comprovar essa importância do outro na construção da noção da imagem corporal e da constituição do eu de cada sujeito.

A complexa e inconclusiva temática sobre o corpo em psicanálise é demasiadamente atravessada pelos questionamentos e pelas reflexões que permeiam os campos da filosofia, da medicina e também da psicossomática nas mais diferentes abordagens. Não podemos limitar o pensamento a respeito do corpo em apenas uma abordagem e entendimento.

Neste trabalho, a principal questão acerca da temática relacionada ao corpo em psicanálise, foi pensada no sentido de compreender esta constituição. Para que possamos refletir sobre a indagação inicial: “Corpo e Psiquismo ou Corpo é Psiquismo?”. Ou seja, questionar o corpo e psiquismo como duas instâncias distintas ou se é possível falarmos de corpo e psiquismo como construções e constituições mútuas e contínuas.

Desta forma, o que pudemos inicialmente apreender do que nos diz Freud e seus comentadores no recorte feito neste momento, é que o corpo não é apenas o fisiológico, o conjunto de órgãos e tecidos, mas também tudo o que podemos sentir, ver, vivenciar e construir desse conjunto de vivências e sentidos que, provenientes da relação com o outro, imprimimos de nosso corpo, portanto, neste sentido, falar de corpo é também falar de psiquismo, já que estariam intimamente relacionados.

Referências Bibliográficas

FERNANDES, Maria Helena. (2002). Entre a alteridade e a ausência: o corpo em Freud e sua função na escuta do analista. In: **Revista Percurso**, 29: 51-64, 2002.

_____, Maria Helena. (2008). **Corpo**. Coleção Clínica Psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008, 3ª ed.

FREUD, S. (1888). Estudos sobre a histeria. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____, S. (1893). Caso Elisabeth von R. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____, S. (1893b). Comunicação Preliminar. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____, S. (1915). Os instintos e suas vicissitudes. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____, S. (1923). O Ego e o Id. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. (2011). **Introdução à metapsicologia freudiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., Vol. 3. 2011, 7ª impressão.

KAUFMANN, P. (1996). **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J-B. (2001). **Vocabulário da Psicanálise**. 4a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LAZNIK, M.-C. (2004). A voz como primeiro objeto da pulsão oral. In: **A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito**. Tradução Cláudia Fernandes Rohenkol et al. Salvador: Ágalma, 2004.

_____, M.-C. (2004). Por uma teoria lacaniana das pulsões. In: **A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito**. Tradução Cláudia Fernandes Rohenkol et al. Salvador: Ágalma, 2004.

NASIO, J.-D. (2009). **Meu corpo e suas imagens**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

SOARES, Carmem Lúcia. (2004). **Corpo e história**. Campinas, SP: Autores associados, 2004. 2ª edição. (Coleção educação contemporânea)